

O Retrato

Cotovelos escorados na meia-porta, pé direito apoiado no joelho oposto, Maria das Dores espiava o infinito da estrada, franzindo olhos e nariz, protegendo-os da poeira bege que cobria aquele final de setembro escaldante.

Na parede descascada da sala, a foto antiga, pintada em cores vivas, era a única herança dos pais falecidos, ao lado do inesquecível retrato em preto e branco, dela mesma, com a cabeleira ainda farta e negra, única beleza ressaltada na juventude. Fotografia batida pelo retratista que, há anos, vagara por aqueles sertões, deixando rastros de um dia voltar.

No cômodo ao lado, o mesmo quarto sem janelas, a cama solteira coberta com lençol de corações puídos, guarda-roupa trancado, penteadeira decorada com frascos vazios do perfume Toque de Amor, e uma imagem de São José, onde o Menino Jesus servia de suporte para uns poucos santinhos de parentes e amigos falecidos.

Os detalhes da emoção no dia da passagem do fotógrafo pela morada de taipa, que distava umas dez léguas da vila do Recorte, no distrito Miolo, naquele ano de seca castigadora, eram imagens revividas na memória: bicicleta verde com selim amarelo, capanga preta amarrada com tipoia na garupa, toca-fitas no guidom, calça jeans apertada, sapato social de salto, e um sorriso largo e inocente, que deixava à mostra dois dentes de ouro, um em cada canino.

Banhado de suor, camisa vermelha grudada no corpo esguio, chapéu de massa protegendo do sol forte, fora acolhido com distinção pelo morador da terra. “Ô de casa”, gritou o forasteiro. “Ô de fora”, retrucou o pai, que alisava a mesa de imbuia na cozinha, talhada por ele mesmo, quando era homem moço. “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, disse o um lá do terreiro. “Para sempre seja Louvado”, respondeu, caminhando um passo cansado, arrastando as alpercatas de couro gastas e já abrindo a meia janela que dava para fora. “Se acheque, homi, desapei, saia desse sol”.

E José Maria da Paixão, nome de batismo do sujeito, foi adentrando a bicicleta no terraço alheio, batendo a poeira dos pés no limiar da soleira e pedindo um tanto de água fresca, “se num for coisa de dá trabalho”, disse, já sentando no banquinho de couro de bode.

Do lado de dentro, Dasdô, com os braços cruzados no peito, tentando ver, por detrás do pai, as fuças do passante aciganado que falava sem engasgo, foi ligeira encher a quartinha com água do pote que ficava ao lado da trempe.

— Tô de passagem, seu...

— Arcanjo, Miguel Arcanjo...

— Satisfação, seu Miguel, saudou o moço. — Zé Paixão, um seu criado.

— Tô viajando já uns pouco de mês, subindo desde as banda do Crato, fazendo foto de quem, por ventura e por desejo, queira guardar uma lembrança nessa vida. E pegou uma câmara preta, descascada, e uma luz presa num cano curto, que exibiu, mostrando. Maria das Dores ouviu aquilo e passou a mão nos cabelos, desamassou a saia, lambeu a ponta dos dedos e umedeceu as pernas finas e ressecadas.

— Fota? E a cuma é isso?

— Eu bato o retrato, levo metade do dinheiro para deixar pago na vila mais próxima, se o espírito não me engana, daqui mais perto é o Recorte, mando revelar o filme que fica aqui dentro, — apontando o instrumento — e, daqui coisa de quinze dias, mais tardar um mês, volto trazendo a recordação e o senhor bota na parede de sua casa. Garanto a satisfação.

Dasdô limpou, com a ponta da blusa, as bolhas de cuspe que se formavam no canto da boca fina e abanou as axilas, que sempre molhavam suas roupas quase até a cintura. A

bichinha não atinava em vaidades e o dia a dia com o pai, desde que a mãe morrera, era levantar antes do sol, puxar água na bomba, encher as tinhas, varrer o chão batido, acender a lenha do fogão, ferver água do café e do feijão, fazer empapado de farinha escaldada para colocar no ouvido esquerdo que supurava quase todo mês, ou lambedô com agrião, cambucá e mastruço, modo ver se aplacava a tosse fraca do pai. E nada mais.

Seu Miguel virou-se para Maria das Dores, olhou a figurinha pequena dos pés à cabeça e disse:

— Te alui, Dasdô, que tu vai batê uma fota hoje.

A moça ficou nervosa. Embiocou no quarto, pegou o pente de plástico azul em cima da penteadeira e danou-se a modelar os cabelos, dando forma ao seu dote mais precioso, passando também os dedos ossudos pelas sobranceiras finas como os lábios e as pernas.

Lá fora, Zé Paixão preparava seu circo. Colocou a capanga de couro no ombro, solicitou com cerimônia o tamborete, procurou a posição do sol, espiando o céu sem nuvens, armou empanada de fundo na parede nua de reboco e pediu para usar o lavatório da casa. Retornou de cabelo molhado, rosto lavado e perfumado além da conta.

A essas alturas, Maria das Dores, que tinha trocado a camisa duas vezes, modo a transpiração embaixo dos braços, aguardava o rapaz no copiar, acompanhada do pai.

— Formosura de filha, seu Miguel. Qual é sua graça?

— Maria das Dores, respondeu, com um sorrisinho de canto de boca, cheio de cuspe, abaixando a cabeça.

— Ligue não, seu minino — retrucou o velho. Isso é xucra que só vendo, raça rude, pior que a mãe, que Deus a tenha num bom lugar. Gotas de suor escorreram pelo braço de Dasdô que tentou atalhar pelo caminho antes que pingassem na saia.

— Pois se achegue mais aqui, que hoje é um dia ispicial. Com a sua licença. E pegou-lhe a ponta dos dedos guiando-a até o estúdio improvisado no alpendre de telhado baixo.

Maria das Dores, que desconhecia gentileza, deixou-se levar pelo momento mágico e sentou-se de banda, na pontinha do banco, juntando joelhos e prendendo os braços ao corpo para não ser traída pelas axilas naquele instante de glória.

O rapaz tocou-lhe o queixo, virando aqui, baixando ali e pegando distância para espiar. Voltou com as mãos erguidas para abrir os ombros caídos da donzela sem encantos, e ela sentiu o perfume forte – Toque de Amor – misturado com morrinha de roupa mal lavada, e achou gostoso demais.

Ele foi para fora do terraço, pegou a máquina na matula preta, ainda pendurada no ombro, colocou a lâmpada arredondada acima da cabeça com uma mão, segurou a câmera com a outra, piscou o olho para Dasdô que, de susto, abriu um sorriso quase espantado, arregalando os olhinhos fundos e miúdos, fechando em seguida, encandecida com o clarão que lhe faria lembrar aquela emoção avulsa.

A fotografia chegou quase três meses depois, trazida por gente da vila que ficara sabendo da morte de seu Miguel Arcanjo e recordava da filha que vinha com o pai, montada numa égua baia, nas quatro festas do ano, assistir missa na capela do Miolo.

O retrato emoldurado fora pendurado na sala, junto à imagem do casal falecido, abaixo dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e acima do sofá de lona rasgada, coberto com um pano de coqueiros esvoaçantes, único móvel do cômodo.

O retratista nunca mais voltou, nem para buscar a outra parte do pagamento, conforme combinado. Foi desde aquele final de tarde, em que saíra se despedindo com o toca-fitas ligado, dando voltas de bicicleta no terreiro, levantando a poeira da lembrança, que Maria das Dores pegou o costume de ficar na meia-porta, segurando com a palma da mão o queixo tocado pelo retratista, contemplando a estrada vazia.

E a lembrança daquela tarde preenchia os dias vazios, na casa silenciosa, e perpetuavam a beleza dos cabelos negros de Dasdô, agora mesclados com muitos fios cor de prata.

E ela ficava ali, escorando em cada joelho, ora um pé, ora outro, esperando chegar um novo dia para levantar bem cedo, puxar água, varrer o terreiro, coar o café, catar o feijão e, quem sabe, sem sonho, rever o tal retratista de camisa vermelha de quem ela tinha esquecido as feições.

Natercia Rocha, em “Contos de Ir Embora” (Edições Demócrito Rocha), 2014